

SOLIDARIEDADE NA PRÁTICA

Um grupo de jovens pesquisadores e professores da universidade se juntou em torno de alguns temas de pesquisa ligados à economia solidária, que julgavam essencial para transformar as relações econômicas subjugadas pelo capitalismo dito selvagem. Em pouco tempo, graças ao empenho e ao trabalho de qualidade que desenvolveram nas pesquisas, nas publicações e congressos que participavam, conseguiram recursos para construir a sede do grupo num terreno afastado do grande campus universitário.

Logo que o prédio foi solenemente inaugurado pelo reitor, que nem sabia exatamente o que aqueles arrojados meninos e meninas faziam de verdade, foi ocupado pelos professores e seus alunos e orientandos, gerando intenso debate sobre os horários e usos dos espaços do edifício. Após longas e intermináveis discussões envolvendo conceitos presentes nos falanstérios, em textos marxistas, na Comuna de Paris, nos planos de desenvolvimento soviéticos, nos kibutz israelenses, nos livros de Paul Singer ou nos centros culturais zapatistas, consolidou-se a visão de que o espaço deveria ser utilizado e mantido com ideais socialistas, incluída a divisão de tarefas prosaicas entre todos, independente da posição, cor, gênero, idade.

Uma lista dessas tarefas foi fixada junto à pequena copa onde se reuniam em animados bate-papos professores e estudantes para conversar fiado e tomar café. Ou chá, a depender da tribo a que pertencia o personagem. Quem usar o copo, lava. Quem derramar café ou esparramar farelos de pão no chão ou na toalha, limpa. Quem beber água gelada, repõe. A talha de barro com filtro de água deve ser repostada a partir de uma escala. Enfim, a lista era longa, foi discutida e aprovada em assembleia dos usuários do edifício e fixada num modesto sulfite A4 ao lado da geladeira. No popular: usou, lavou.

Mas, como se sabe, alguns cumprem o combinado, outros não. Logo havia gente reclamando que o café tinha acabado, as xícaras e copos estavam sujos, o jarro de água gelada na geladeira estava vazio, a água da talha havia acabado e ninguém havia repostado. O professor mais radical em relação ao cumprimento das regras, certo dia, foi de bicicleta e chegou sedento ao prédio, mas não havia água gelada, foi literalmente a gota d'água. Resolveu fixar um cartaz gigantesco lembrando os compromissos assumidos pelo grupo. No dia seguinte, todos que cumpriam as regras se declararam indignados com a cobrança pública, um deles se disse ofendido pelo tamanho das letras do cartaz. Os que não cumpriam não se manifestaram. Os indignados convocaram uma nova assembleia para discutir se retiravam ou não o cartaz da parede. Enquanto isso, os farelos de pão continuaram no chão, manchas de café se amontoaram na toalha, xícaras e copos sujos enchiam a pia e água filtrada continuou em falta, gelada ou não.

Essa história (quase) verdadeira me lembrou dos breves tempos “socialistas” do meu escritório de arquitetura, onde a briga era sempre quem ia ficar com a “parte molhada” da limpeza, ou seja, lavar os banheiros. O Paulo Hernandez, o mais inteligente da turma do escritório, nos convenceu a tirar a sorte no palitinho. Sempre ganhava, nunca lavou o banheiro.

Mauro Ferreira é arquiteto